

**AÇÕES DO PLANO BÁSICO AMBIENTAL INDÍGENA – PBAI
RESULTADOS DE 2025 – EDIÇÃO 2026**

AXIA ENERGIA – USINA HIDRELÉTRICA TELES PIRES



Fique por Dentro do PBAI

6ª EDIÇÃO | 2026

**Saiba mais sobre as ações
realizadas com os Povos
Indígenas do Baixo Teles Pires**

Trecho do Rio Teles Pires





Expediente

Supervisão e Coordenação Editorial:

Luciana Regina Egewarth

Texto e revisão:

Luciana Antunes, Monclar Teixeira e Cristiane de Cássia

Projeto Gráfico e Diagramação:

Print Comunicação

Fotografias:

Banco de Imagens do PICSI

Tiragem:

600 exemplares

Realização:

AXIA Energia/UHE Teles Pires

SIGLAS

ACI – Agente de Comunicação Indígena

DSEI – Distritos Sanitários Especiais Indígenas

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas

PBAI – Plano Básico Ambiental Indígena

PICSI – Programa de Interação e Comunicação Social Indígena

PMISI – Programa de Monitoramento de Indicadores de Saúde Indígena

PVCI – Programa de Valorização da Cultura Indígena

UHE – Usina Hidrelétrica



OUVIDORIA
0800 721 3275



O Plano Básico Ambiental Indígena é uma medida de mitigação exigida pelo licenciamento ambiental federal conduzido pelo IBAMA, sob interveniência da FUNAI.

Sumário

1. Você sabe o que é o PBAI e sua importância?	4
2. Aldeias atendidas	5
3. Saiba mais sobre os programas concluídos	6
4. Programas em andamento	10
4.1 . Programa de Valorização da Cultura Indígena	10
4.2 . Programa de Interação e Comunicação Social Indígena	12
4.3 . Programa de Monitoramento de Indicadores da Saúde Indígena	12
4.4 . Programa de Proteção e Integridade Territorial Indígena	12
4.5. Programa de Fortalecimento das Organizações Indígenas	16
4.6 . Programa de Gestão do Plano Básico Ambiental Indígena	16
5. Rios de possibilidades: Etnias em destaque	17

EDITORIAL

Cultura indígena em foco

A geração e a distribuição de energia elétrica devem ser feitas com respeito ao meio ambiente e às pessoas. Além de compensar, reduzir ou prevenir impactos da Companhia Hidrelétrica Teles Pires, o Plano Básico Ambiental Indígena (PBAI) busca preservar a qualidade de vida nas 14 aldeias por onde o rio passa.

O PBAI tem 12 programas concluídos e outros 06 em andamento. Nesta revista, você terá um resumo do que já foi realizado e conhecerá o que continua sendo feito para as comunidades indígenas.

Você também lerá uma reportagem, feita pelos Agentes de Comunicação Indígena, sobre a força e a importância do artesanato local. Eles visitaram aldeias, ouviram histórias e conversaram com artesãos das três etnias: Kayabi, Munduruku e Apiaká.

Desejamos a todos uma boa leitura e convidamos para que participem do PBAI, cujos próximos passos estão sendo construídos com os Comitês Gestores, e acessem nossos canais de comunicação.

Arthur Teixeira Loiola

Gerente de Meio Ambiente da UHE
Teles Pires – AXIA Energia



VOCÊ SABE O QUE É O PBAI E SUA IMPORTÂNCIA?

O Plano Básico Ambiental Indígena (PBAI) é um conjunto de programas criados para compensar, reduzir e mitigar impactos da construção e da operação da Usina Hidrelétrica Teles Pires sobre os povos indígenas.

Planejadas após um estudo autorizado pela Fundação Nacional dos Povos indígenas (FUNAI), as ações contribuem também para preservar e valorizar a cultura e o modo de vida das 14 aldeias indígenas do Baixo Teles Pires, entre Mato Grosso e Pará.

O PBAI reúne programas para áreas como:

- Educação Ambiental;
- Resgate e Valorização da Cultura;
- Fortalecimento das Organizações Indígenas;
- Apoio às Roças Tradicionais;
- Monitoramento da Saúde;
- Gestão Territorial;
- Comunicação, entre outros.

Cada programa tem suas próprias metas, mas em comum contribuem para a preservação do ambiente, da cultura e qualidade de vida de cerca de 1.300 indígenas dos povos Kayabi, Munduruku e Apiaká que vivem na região do baixo Teles Pires.

Fotos aéreas das aldeias Kururuzinho – Etnia Kayabi (na parte de cima da página) e Teles Pires – Etnia Munduruku



ALDEIAS ATENDIDAS



KAYABI

São Benedito
Remanso do Coelho
Tukumã
Dinossauro
Kururuzinho
(aldeia polo)
Minhocoçu
Barro Vermelho



MUNDURUKU

Posto Velho
Teles Pires
(aldeia polo)
Caroçal
Papagaio
Vista Alegre
Bom Futuro



APIAKÁ

Mayrowi
(aldeia polo)

SAIBA MAIS SOBRE OS PROGRAMAS CONCLUÍDOS

Com 18 programas socioambientais, o PBAI foi criado em 2011. Até 2025, 12 programas foram concluídos.

Conheça suas principais ações:

Programa de Etnoarqueologia

O programa incluiu: estudo etnográfico, realização de **10 oficinas** culturais para integrar as comunidades indígenas do baixo Teles Pires e a elaboração da planta da **Casa de Cultura e Memória de Jacareacanga**, aprovada na Assembleia Geral do Povo Munduruku, em março de 2024. A Casa terá nove ambientes e será referência para ações culturais e sociais.



Visão geral da futura Casa de Cultura e Memória

Programa de Educação Ambiental Indígena

Com o objetivo de valorizar a identidade e os relações entre os povos indígenas e seus territórios, foram realizadas ações como: oficinas de fotografia e vídeo, informática básica e manuseio de GPS. Foram produzidos três vídeos documentários e **105 fotografias**, com 30 apresentadas em mostra nas aldeias.



Atividade da oficina de fotografia

Programa de Identificação e Manejo de Novas Fontes de Produtos Florestais Não Madeireiros

Gerar renda pela venda de produtos não madeireiros com atividades compatíveis com a **preservação florestal**. Visitas técnicas e oficinas sobre novas formas de coleta, processamento e armazenamento, além de fornecimento de equipamentos, balsas, caminhões, tratores, galpões, dentre outros itens.



Castanhas vendidas pelas comunidades



Programa de Monitoramento da Ictiofauna Indígena

Foram realizadas **26 campanhas** para analisar a dinâmica da população de peixes e outras espécies existentes nos rios e afluentes próximos às Terras Indígenas, além de 21 campanhas para acompanhar a pesca no local. Os resultados demonstraram que o **estoque pesqueiro** se manteve. Hoje o programa é realizado pela UHE São Manoel, conforme aprovação da FUNAI.



Soltura de peixe após avaliação

Programa de Monitoramento Limnológico e Qualidade da Água

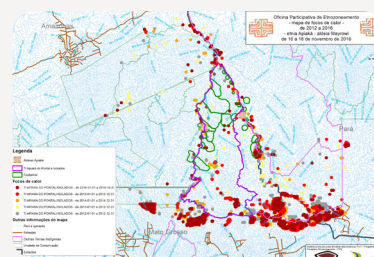
Servir de base para medidas de controle que fossem necessárias para manter a qualidade da água perto das aldeias. Foram monitorados **9 pontos** no Rio Teles Pires em 25 campanhas até o final de 2023, com qualidade da água entre **boa e ótima**.



Coleta de água para análise

Programa de Inventário Florestal e Etnozoneamento

Mapear potenciais recursos naturais na Terra Indígena Kayabi para **geração de renda** para os indígenas de forma sustentável. Os recursos foram mapeados e oficinas realizadas para definição conjunta sobre seu uso nas Terras Indígenas por meio da criação de **plano de gestão** territorial e inventário florestal.



Mapa do Baixo Teles Pires

Plano de Ação e Controle da Malária

Compensar possíveis impactos da implantação da UHE Teles Pires, como exigido pela Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI). Foi construído o **Posto de Saúde** em Kururuzinho e doados equipamentos, veículos, insumos e materiais para os **Distritos Sanitários** Especiais Indígenas (DSEI) Rio Tapajós-PA e Kayapó do Mato Grosso-MT.



Mosquito transmissor da malária

Programa de Apoio a Roças Tradicionais

Incentivar culturas tradicionais nas roças. Além das oficinas sobre cultivo, armazenamento e **cuidado com a terra**, foram fornecidos: embarcação, roçadeiras manuais, motosserra, mudas, kits de ferramentas agrícolas e utensílios básicos para farinheira. Também foram construídas **casas de farinha** cobertas em cada uma das 14 aldeias.



Análise de amostra de solo

Programa de Monitoramento Hidrossedimentológico

As 35 campanhas realizadas para acompanhar as condições do rio Teles Pires junto à Terra Indígena Kayabi não identificaram problemas de assoreamento. O monitoramento incluiu a coleta de dados sobre **chuva e fluxo dos rios** em tempo real por estações hidrométricas.



Estação hidrométrica

Programa de Monitoramento de Atividades Minerárias

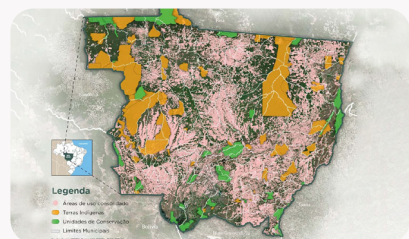
Foram monitoradas as atividades de **garimpo** no trecho do Rio Teles Pires que passa pelas Terras Indígenas Kayabi, Munduruku e Apiaká do Pontal e Isolados.



Mapeamento mineralógico

Programa de Monitoramento de Terras Indígenas

A ocupação do solo na região foi monitorada por satélite. Na Terra Indígena Kayabi, foram mapeados **94,39 hectares** com alguma alteração na área de floresta. Não foram identificadas áreas desmatadas na Terra Indígena Apiaká do Pontal e Isolados.



Mapa de Ocupação do Solo - MT

Plano de Apoio aos Estudos dos Índios Isolados

A Usina também apoiou estudos da FUNAI para monitoramento da **Terra Indígena Kayabi e Apiaká do Pontal e Isolados**, incluindo o repasse de verbas para a compra de equipamentos e contratação de serviços. Todas as ações do **plano de trabalho** foram cumpridas e aguarda-se apenas a manifestação do órgão para que o trabalho seja considerado concluído.

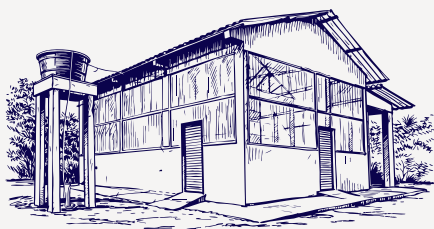


Mapa da TI Kayabi e Apiaká do Pontal e Isolados

CONFIRA AS **OBRAS** **REALIZADAS NAS ALDEIAS**

Todas elas atendem às necessidades dos povos indígenas do Baixo Teles Pires e tiveram sua construção acompanhada de perto por eles.

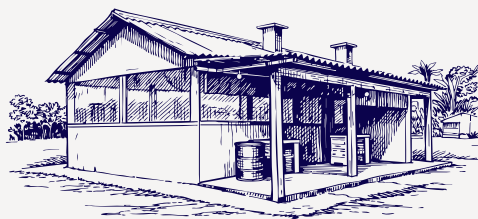
KAYABI



ALDEIA OBRAS

São Benedito	Casa de farinha
Remanso do Coelho	Casa de farinha
Tukumã	Casa de farinha
Dinossauro	Casa de farinha
Kururuzinho (aldeia polo)	Casa de farinha Casa de artesanato Casa de apoio Escritório da Associação (AIKK)
Minhocoçu	Casa de farinha
Barro Vermelho	Casa de farinha

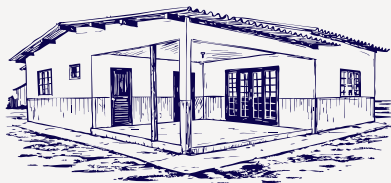
MUNDURUKU



ALDEIA OBRAS

Porto Velho	Casa de farinha
Teles Pires (aldeia polo)	Casa de farinha Casa de artesanato Casa de apoio Escritório da Associação (Dace)
Caroçal	Casa de farinha
Bom Futuro	Casa de farinha
Vista Alegre	Casa de farinha
Papagaio	Casa de farinha
Jacareacanga (PA)	Casa de apoio – Escritório

APIAKÁ



ALDEIA OBRAS

Mayrowi (aldeia polo)	Casa de farinha Casa de artesanato Casa de apoio Escritório da Associação (Sawara)
Cachoeira da Rasteira	Barracão de apoio



CONHEÇA OS PROGRAMAS EM ANDAMENTO

PROGRAMA DE VALORIZAÇÃO DA CULTURA INDÍGENA – PVCI

O RESGATE DA CULTURA CONTINUA

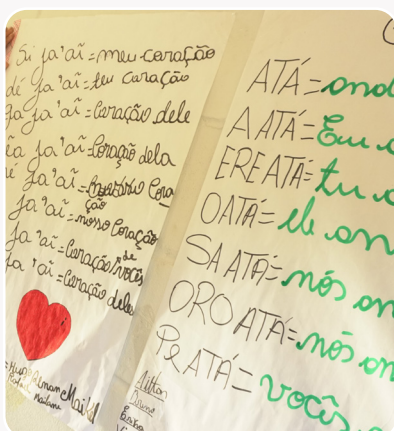
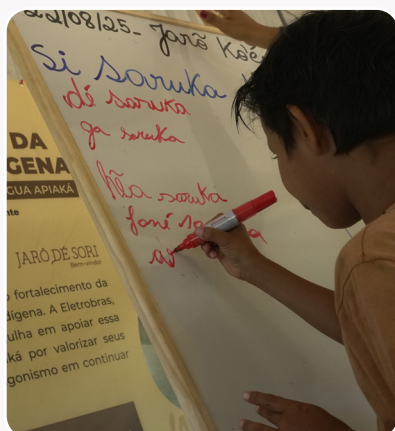
Quando o tatu pescou esse jacundá, o trouxe para o solo e o peixe se transformou no primeiro indígena do nosso povo. Por isso, os grafismos utilizados remetem à textura dessa espécie.

A explicação do professor Marcelo Ironildo Munduruku na segunda oficina de resgate da língua Apiaká revela o quanto é importante trabalhar para não deixar a história e a língua de um povo desaparecerem. O Programa de Valorização da Cultura Indígena faz isso desde 2015 e já realizou ações como:

- Registro de cantos e grafismos das três etnias em livretos, CDs e DVDs;
- Mapeamento das áreas com mais chance de se encontrar material para produzir peças de artesanato e possíveis mercado para venda dos produtos artesanais;
- Oficinas de design de produtos artesanais.

Os objetivos traçados já foram cumpridos com as etnias Kayabi e Munduruku. Mas ainda há ações em andamento junto à etnia Apiaká: as oficinas de resgate de sua língua.

Três delas já aconteceram na aldeia polo Mayrowi. Cada uma reuniu, por 10 dias, Apiakás das aldeias Pontal dos Isolados, Mayrowi, Matrinxã e Três Marias III, além de professores e alunos de aldeias vizinhas. A última está prevista para março de 2026.



Atividades Pedagógicas – Oficinas de Resgate da Língua Apiaká

Oficinas de Resgate da Língua Apiaká

1ª OFICINA

Formação de Educadores

Preparo de educadores e lideranças para ensinar e promover a língua.

2ª OFICINA

Cartilha (Etapa 1)

Início da cartilha ilustrada: fala, escrita e primeiras frases.

3ª OFICINA

Cartilha (Etapa 2)

Revisão e aprofundamento: significados, origem e pronúncia das palavras.

4ª OFICINA

Consolidação

Revisão geral, organização das ilustrações e finalização da cartilha para uso nas escolas Apiaká.



Atividades Pedagógicas – Oficinas de Resgate da Língua Apiaká

Essas atividades são desenvolvidas em parceria com o Laboratório de Línguas e Literatura Indígena da Universidade de Brasília (LALLI/UnB), com a participação da professora Suseile Souza.

Num país onde cerca de **190 línguas** indígenas estão em risco de extinção, segundo a UNESCO, iniciativas como essa são fundamentais para manter viva a tradição e a cultura indígena.

PROGRAMA DE INTERAÇÃO E COMUNICAÇÃO SOCIAL INDÍGENA – PICS

DIÁLOGO ENTRE A UHE TELES PIRES E AS ALDEIAS

O Programa de Comunicação Indígena, como é chamado nas aldeias, é tão importante que foi o primeiro a ser implantado, em 2013, e continua até hoje.





Da esquerda para a direita, atendimentos feitos pelos ACI Iranilda na Aldeia Teles Pires (Munduruku), ACI Débora na Aldeia Kururuzinho (Kayabi) e ACI Adonias na Aldeia Mayrowi (Apiaká).

Objetivos do PICSI:

Garantir um diálogo permanente, efetivo e humanizado entre a UHE Teles Pires e as aldeias indígenas é o principal objetivo do Programa de Comunicação Indígena. Outros objetivos são:

- Orientar e fazer a **comunicação** com os grupos das etnias Kayabi, Munduruku e Apiaká que vivem no Baixo Teles Pires;
- Apoiar a UHE Teles Pires nos **contatos** com FUNAI, IBAMA e outros órgãos;
- Adequar e utilizar os canais de comunicação com as **comunidades indígenas** da região da UHE Teles Pires (porta a porta, celular, WhatsApp, rádios amadores, Facebook, áudios etc.);
- Organizar um programa de **Diálogo Social** para moderar interesses entre o empreendimento e os grupos indígenas;
- Prevenir conflitos com a **mediação** e antecipação de demandas;
- Intermediar e criar mecanismos para facilitar a **solução** de questões.

Principais ações realizadas:

- Atuação presencial nas **14 aldeias** do Baixo Teles Pires;
- **3 Diagnósticos** de Comunicação e Sociocultural, onde os indígenas foram ouvidos e apontaram a necessidade de **ajustes** em materiais e ações de comunicação, gerando assim maior alcance das informações e participação dos indígenas nas ações do PBAI;
- Comunicação permanente com **diferentes canais**, como redes sociais, rádio amador, informativos, contato pessoal, comunicados, e-mail, telefone, ouvidoria;
- Produção de vários **materiais de comunicação**, como boletins, revistas, comunicados, áudios, conteúdos para redes sociais e grupos e WhatsApp;
- Divulgação da Ouvidoria da UHE Teles Pires – **0800 721 3275**;
- Criação do Regimento Interno e acompanhamento dos **Comitês Gestores** Kayabi, Munduruku e Apiaká;
- Apoio à UHE Teles Pires na **interface** com a FUNAI e o IBAMA;
- Contratação e formação de **3 Agentes** de Comunicação Indígena, um de cada etnia.

VOCÊ SABIA?



Desde a sua criação, o PICSÍ vem melhorando as formas de **dialogar** com as comunidades indígenas, garantindo que suas demandas sejam ouvidas pela UHE Teles Pires. O programa também leva as informações da usina para as aldeias, garantindo a participação dos povos indígenas nas decisões que lhes dizem respeito.

A Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho é um tratado internacional que estabelece direitos dos povos indígenas. Ela afirma o direito à **escuta dos povos tradicionais** por meio da obrigação de **consulta prévia, livre e informada** do Estado antes de medidas que afetem seus territórios.

Saiba mais acessando o documento no QR Code:



PICSÍ EM NÚMEROS

De 2018 a 2025, o PICSÍ realizou **7.296** atendimentos diretos junto às **14** comunidades indígenas das três etnias, sendo:



1.156

atendimentos
via rádio



1.582

atendimentos
via Whatsapp



4.538

atendimentos
presenciais



20

atendimentos
por telefone
(porta a porta)



56

Campanhas de
Comunicação
nas 14 aldeias
(porta a porta)

Nesse período, foram produzidos e divulgados **346** informativos, entre os quais:



43

boletins
informativos



23

flyers/banners
sobre os mais
diversos temas



16

Agendas dos
programas que
compõem o PBAI



143

podcasts



111

comunicados



05

Revistas do Plano
Básico Ambiental
Indígena (PBAI)

PROGRAMA DE MONITORAMENTO DE INDICADORES DE SAÚDE INDÍGENA –PMISI

ETNIA MUDURUKU FAZ NOVAS SUGESTÕES DE COMPENSAÇÃO

Para acompanhar a saúde das comunidades durante a implantação da UHE Teles Pires, foi criado em 2014 o Programa de Monitoramento dos Indicadores de Saúde Indígena. O objetivo era coletar dados para identificar possíveis impactos e assim orientar ações preventivas e de atendimento.

Dificuldades enfrentadas para obter as informações básicas junto à Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) inviabilizaram a execução do programa no tempo que era previsto. Por isso, os Comitês Gestores das três etnias reavaliaram o programa e acharam melhor substituir o monitoramento por ações de melhoria de infraestrutura, que consideravam mais adequadas às realidades locais:



Os Apiaká pediram trator para uso na Cachoeira da Rasteira e foram atendidos;



O sistema de energia solar solicitado pelos Kayabi para o posto de saúde da aldeia Kururuzinho foi implantado.

Em 2023, a Associação Dace Munduruku informou à UHE Teles Pires que a comunidade aguardaria a conclusão do novo posto de saúde da aldeia pelo Teles Pires pelo poder público para definir quais equipamentos e insumos solicitarem. Mas como o posto ainda não foi construído, novas sugestões de compensação foram sugeridas pelos representantes da etnia.

As propostas estão sendo analisadas pela UHE Teles Pires e os resultados serão apresentados à comunidade e depois avaliados pela FUNAI, como determina o processo.

PROGRAMA DE PROTEÇÃO E INTEGRIDADE TERRITORIAL INDÍGENA

A finalidade desse programa é monitorar a Terra Indígena (TI) Kayabi e Apiaká do Pontal e Isolados. Foi construída uma base de operações perto da Aldeia Coelho, como sugerido pelos povos indígenas, mas o plano de trabalho ainda não foi validado pelos órgãos responsáveis.



PROGRAMA DE FORTALECIMENTO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS

Preparar as lideranças para garantir a participação indígena no PBAI é o principal objetivo desse programa. Como parte dele, foram fundadas as associações Dace e Apiaká Sawara e organizada a Associação Kawaip Kayabi. Formações sobre licenciamento ambiental e trocas de experiências também foram realizadas para fortalecer a aliança entre as etnias. Hoje os indígenas participam ativamente do PBAI pelos Comitês Gestores.

Nas aldeias polo, também foram construídas mini marcenarias, que estão sendo equipadas com ferramentas, e realizadas oficinas sobre essa atividade.



*Aluno da oficina de marcenaria
Etnia Munduruku*

PROGRAMA DE GESTÃO DO PLANO BÁSICO AMBIENTAL INDÍGENA

Comitês Gestores: espaços de diálogo, união e decisões

Para que os povos Munduruku, Kayabi e Apiaká possam conversar diretamente com a UHE Teles Pires e a FUNAI, foram criados os Comitês Gestores.

Nesses espaços, as comunidades falam, reivindicam, pedem explicações, acompanham obras e avaliam os programas que fazem parte do Plano Básico Ambiental Indígena (PBAI). Elas dialogam diretamente com representantes da UHE Teles Pires e da FUNAI que participam do Conselho Gestor.

Por orientação da FUNAI, a reunião do Comitê Gestor que estava prevista para 2025 deverá acontecer após a vistoria nas obras pelos engenheiros da Fundação, no primeiro semestre de 2026.



Comitê Gestor – Novembro/2024

Quem compõe o Comitê Gestor?

- Lideranças e representantes indígenas, escolhidos por suas aldeias;
- FUNAI, responsável por defender os direitos dos povos indígenas;
- A UHE Teles Pires, que apresenta os resultados e responde às demandas.

Exemplos de temas tratados nas reuniões

- Apoio para ampliação do uso da Internet nas aldeias;
- Projetos de reformas de casas de apoio, centros comunitários e outras estruturas;
- Casa de Cultura Munduruku;
- Apresentação de resultados de monitoramento da qualidade das águas nos rios nas aldeias;
- Revisão de programas e prioridades.

RIOS DE POSSIBILIDADES ETNIAS EM DESTAQUE

A Força das Mãos Indígenas

*Artesanato, memória e poder feminino
nas aldeias do Baixo Teles Pires*

Para além das histórias contadas e dos cantos em cerimônias, a cultura nas aldeias do Baixo Teles Pires está presente nas mãos. São mãos que trançam, lapidam, serram, pintam, organizam e transformam. Mãos de mulheres que carregam, na ponta dos dedos, a memória viva dos povos Munduruku, Apiaká e Kayabi.

O artesanato, para essas mulheres, é mais que produzir objetos bonitos.

É herança, identidade e força.

É uma forma de guardar a história quando a palavra já não basta.

É continuidade de uma cultura que existe muito antes do rio ganhar nome.

É, muitas vezes, o sustento da família.

Os Agentes de Comunicação Indígena (ACI) falam sobre isso na reportagem que fizeram visitando aldeias, ouvindo histórias e conversando com artesãs. As entrevistas revelam algo poderoso e ao mesmo tempo delicado: o artesanato é uma ponte entre passado, presente e futuro, mas essa ponte corre risco se as novas gerações não continuarem caminhando por ela.

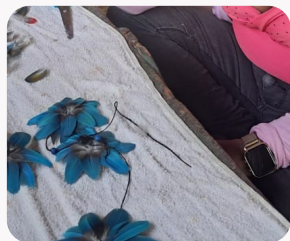


O artesanato como herança e identidade do povo

Entre as três etnias, um mesmo ponto aparece com absoluta força: o artesanato é a forma mais antiga e resistente de manter viva a cultura.

Antes de existir papel, antes de existir escola, antes de existir celular, o conhecimento das mulheres já estava ali. Era passado de mãe para filha, de avó para neta, de tia para sobrinha. E hoje continua sendo assim.

A artesã Ivaneide Waru, da Aldeia Teles Pires, do povo Munduruku, se lembra bem dos dias em que observava sua mãe trabalhando:



Artesanato de Ivaneide Waru
Aldeia Teles Pires – Munduruku

“ Eu ficava sentada perto da minha mãe, vendo ela limpar os caroços, serrar e fazer colar e pulseira. Aprendi olhando. Quando fiz a primeira vez, ficou tudo torto... mas não desisti. ”

Ivaneide conta que fazem parte dessa tradição: observar, repetir, tentar, errar, refazer e aprender.

A artesã Valdeiza Mores Boro, também da etnia Munduruku, ressalta que tudo na cultura tem relação com o artesanato:

“ A gente vai fazer uma dança cultural, vai apresentar o canto, tem que ter o artesanato. A cultura indígena sempre vai ter o artesanato. ”



Artesanato de Valdeiza Mores Boro
Munduruku



Artesanato de Kamila Hakay
Aldeia Kururuzinho – Kayabi

A artesã Kayabi Kamila Hakay, da Aldeia Kururuzinho, diz:

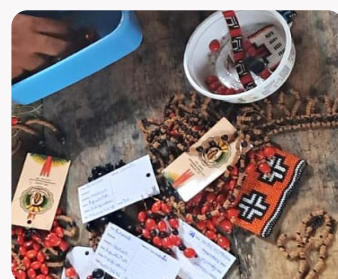
“ Eu me sinto com liberdade quando faço artesanato. É uma forma de manter minha cultura. ”

Já a jovem Apiaká Karine Kamassori, da Aldeia Mayrowi, que está começando agora, descreve o processo como algo bonito e, também, desafiador:

“ A gente se sente feliz. Às vezes erra, desmancha e acerta. Mas quando termina, fica bonito. ”

Essas falas mostram que o artesanato é mais do que “saber fazer”.

Ele é identidade, disciplina, paciência, sabedoria — e, principalmente, resistência.



Artesanato de Karina Kamassori
Aldeia Mayrowi – Apiaká

QUANDO O TEMPO VIRA ARTE

Uma pulseira pode ser feita em um ou dois dias.
Um colar chega a levar quatro dias para ficar pronto.
E a produção de algumas peças demora mais de uma semana inteira.

Nada é feito com pressa. O tempo é parte da arte.

As artesãs explicam que é preciso ter tempo não só para o

trabalho manual, mas para tudo o que o envolve e acontece antes dele: ir ao mato, procurar sementes, limpar, raspar, serrar, furar, preparar tintas, organizar fibras, deixar secar, separar cores, escolher combinações.

“Quando faço colar, passo uns três dias. Brinco eu faço uns três por dia, mas tem que furar o caroço, limpar, arrumar tudo. Para mim, minha vida é isso: artesanato. Acordo pensando nele”, explica Ivaneide Waru, artesã Munduruku.

Esse cuidado mostra que não existe artesanato rápido. Existe artesanato bem-feito — e isso exige dias, silêncio e dedicação.



A FLORESTA COMO PRIMEIRA PROFESSORA



O povo não aprende artesanato em livro. Aprende na mata. Aprende com a natureza.

As sementes — jenipapo, tucum, morototó, envira — são buscadas na época certa. Algumas são raras. Outras, difíceis de encontrar. Há anos com fartura e anos com escassez.

Por isso, muitas mulheres explicam que um dos maiores desafios é conseguir a matéria-prima certa:

“O mais difícil é buscar a matéria-prima. Não é qualquer coisa que serve”, diz Kamila Hakay, artesã Kayabi.

Às vezes, quando não há semente suficiente, elas substituem por miçangas. E isso não diminui o valor da peça — pelo contrário, mostra adaptação, criatividade e resistência.

“Às vezes a gente faz pesquisa, tira da mente, pensa em outro modelo”, conta Karine Kamassori, artesã Apiaká.

A arte se renova, mas sem perder a raiz.



CULTURA QUE SE TRANSFORMA EM SUSTENTO

O artesanato, além de cultura, também é renda.

Algumas mulheres vendem seus produtos artesanais na aldeia, outras em eventos, outras para turistas. Certas peças ainda são guardadas para venda quando surge uma oportunidade.

“Algumas peças eu vendo, outras uso como enfeite. Vendo na aldeia mesmo ou para turistas”, conta Kamila Hakay, artesã Kayabi.

Mas vender nem sempre é fácil:

“É difícil vender, porque nem sempre tem evento ou comprador”, explica Karine Kamassori, artesã Apiaká.

A falta de tempo é outro desafio. As mulheres fazem artesanato entre a roça, a casa, os filhos e a vida diária:

“O que dificulta é o serviço de casa. Eu tenho muita coisa para fazer antes de sentar para fazer artesanato”, diz Kamila Hakay, artesã Kayabi.



“AS MENINAS NÃO QUEREM MAIS APRENDER”

Um alerta feito pelas artesãs das três etnias é o de que as meninas mais novas estão deixando de aprender o artesanato. Isso significa risco de perda cultural. Sem jovens aprendendo a arte, o conhecimento pode desaparecer em uma geração.

O celular é apontado pelas artesãs como um dos motivos do desinteresse, como afirma Ivaneide Waru, Munduruku:

“As meninas hoje só ficam no celular. Não se interessam. Se não aprenderem agora, depois ninguém vai saber fazer.”

Além disso, a artesã Valdeiza Mores Boro, também da etnia Munduruku, indica preocupação com a saúde mental dos jovens:

“Hoje em dia tem muito jovem com depressão por causa de celular, por causa da internet. Internet é bom, mas também tem coisa que não serve pro jovem. Já o artesanato não, o artesanato é tudo de bom.”

Esta reportagem, produzida pelos Agentes de Comunicação Indígena, é também um pedido para que famílias, escolas e aldeias incentivem os jovens a aprenderem com os mais antigos.

A cultura não se renova sozinha. Ela precisa de mãos dispostas a continuar.

	KAYABI ALDEIA KURURUZINHO	APIAKÁ ALDEIA MAYROWI	MUNDURUKU ALDEIA TELES PIRES
ENTREVISTADOR	Débora Kayabi	Adonias Kirixi Júnior	Iranilda Paleci
ENTREVISTADA(S)	Kamila Hakay	Karine Kamassori	Ivaneide Waru / Valdeiza Mores Boro
APRENDIZADO	Sozinha, observando e tentando	Com a mãe e os mais velhos	Com a mãe / Inspirada por outras artesãs
SENTIMENTO	Liberdade	Felicidade, apesar dos erros	Perseverança, fazer, errar, tentar de novo / Preservação da cultura, ocupação saudável do tempo e da mente
DESAFIO	Encontrar matéria-prima	Achar sementes e organizar materiais	Jovens não querem aprender
MENSAGEM	"O artesanato não é só renda, é identidade."	"Cada peça tem a história da pessoa que faz."	"Se ninguém aprender, a cultura acaba." "Não faço por dinheiro, mas também porque gosto. Falo pro jovem: é bom fazer artesanato. Se dedicassem um pouquinho do tempo deles, veriam como é bom fazer artesanato."

A cultura que vive nas mãos

O artesanato do Baixo Teles Pires é mais do que uma técnica.

É memória viva.

É prova da força das mulheres.

É uma forma de manter o passado caminhando para o futuro.

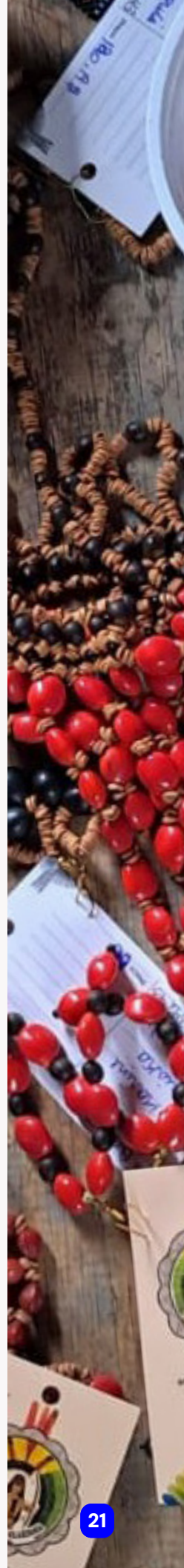
Cada semente coletada, cada fibra trançada, cada miçanga costurada carrega uma história — e o desejo de que essa história continue nas próximas gerações.

As artesãs sabem disso. Os ACIs sabem disso. E agora esta reportagem existe para que todas as aldeias também saibam.

Que esta matéria inspire meninas, jovens e famílias a olharem para o artesanato não como "coisa antiga", mas como um tesouro, um conhecimento que merece ser cuidado, aprendido e celebrado.

Porque, quando uma mulher indígena faz artesanato, ela não produz apenas um objeto. Ela produz futuro.

Esta reportagem é dedicada a elas e construída pelos ACIs das três etnias, mostrando, mais uma vez, que a comunicação indígena é ferramenta de união, identidade e valorização cultural.



“ Porque quem fala tudo de uma vez
não ensina ninguém a ouvir.

Volte no final do dia.
Você vai aprender a ouvir. **”**

DANIEL MUNDURUKU (EM “O SEGREDO DA CHUVA”)

Fazer uma comunicação eficaz não é apenas transmitir informações. É garantir que o outro esteja disposto a ouvir, a receber a mensagem. A sabedoria na comunicação está em dosar as palavras e dar espaço para a reflexão.

Ouvir não é o mesmo que compreender. Esse não é um processo imediato, mas demanda amadurecimento e observação. É preciso tempo para entender uma lição.

Em essência, a frase de Daniel Munduruku é um convite à paciência e à escuta atenta, que são pilares da sabedoria em muitas culturas, principalmente nas tradições indígenas.

Por isso, todas as edições da Revista Fique por Dentro do PBAI relembram os programas executados e em andamento. Isso é importante não só para garantir o devido acompanhamento, mas também para que todas as aldeias continuem conhecendo e reivindicando seus direitos.

Esse é apenas mais um dos muitos aprendizados que tivemos junto às três etnias durante a execução do Plano Básico Ambiental da UHE Teles Pires.

Dedicamos esse conteúdo aos Povos Kayabi, Munduruku e Apiaká, e agradecemos pela parceria até aqui construída e o diálogo respeitoso.





Entrega de informativo em ação do Programa de Comunicação (PISCI)

Quer saber mais e nos ajudar a construir os próximos passos do PBAI?

Estamos abertos a sugestões ou críticas através dos nossos canais de comunicação:



Ouvidoria: 0800 721 3275



Comunicação Indígena/Grupos de WhatsApp: 66 9622-7126



Facebook: Pbai Teles Pires

Se preferir, fale com o Agente de Comunicação Indígena (ACI) de sua etnia:

**ETNIA
APIAKÁ**



**ACI Adonias
Kirixi**

**ETNIA
KAYABI**



**ACI Débora
Kayabi**

**ETNIA
MUNDURUKU**

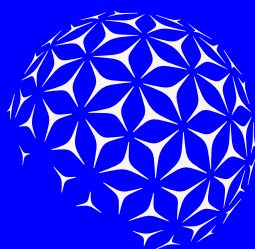


**ACI Iranilda
Paleci**

**COMUNICADOR
SOCIAL**



**Monclar
Teixeira**



AXIA
ENERGIA



PBAI | PLANO BÁSICO
AMBIENTAL INDÍGENA

USINA HIDRELÉTRICA TELES PIRES



O Plano Básico Ambiental Indígena é uma medida de mitigação exigida pelo licenciamento ambiental federal conduzido pelo IBAMA, sob interveniência da FUNAI.